

Inventário Etnobotânico de Plantas Medicinais na Comunidade de Machadinho, Camaçari-BA

Cláudia Gomes de Sousa¹, Bárbara Rosemar Nascimento de Araújo² e Alana Thelma Padilha dos Santos³

Introdução

O uso de vegetais entre as populações nordestinas indica um grande conhecimento dos recursos do ambiente e um sistema particular de classificação desses recursos. Alguns etnobotânicos passaram a denominar esse sistema de taxonomia *folk*, que se refere ao conhecimento de nomes vulgares fornecendo idéias sobre a cultura estudada. A taxonomia científica tem um papel fundamental na validação das pesquisas etnobotânicas, envolvendo a identificação e classificação das espécies [1].

O estudo de plantas consideradas medicinais tem aumentado gradativamente no mundo inteiro, principalmente no Brasil, o qual tem uma enorme diversidade biológica, fato reforçado com o aumento nas pesquisas realizadas no país. A intensificação do uso de plantas para fins medicinais tem diferentes propósitos, pois enquanto nos países em desenvolvimento essa prática é secular, nos países desenvolvidos sua importância está relacionada com a busca de novos medicamentos e princípios ativos pela indústria farmacêutica. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 80% da população mundial faz uso de algum tipo de erva para alívio de enfermidades, sendo que desse total menos de 30% deu-se por orientação médica.

Essa situação é mais evidente nos países em desenvolvimento, onde as plantas medicinais assumem importância estratégica, pois a grave deficiência do sistema de saúde oficial e a baixa renda da população, associados aos conhecimentos da medicina popular, favorecem a difusão das plantas como recursos terapêuticos [2].

O interesse por plantas consideradas medicinais tem aumentado bastante, o que nos leva a crê que devido à elevação do custo de vida em algumas regiões ou a falta total das mínimas condições humanas leva à procura pelas plantas, seja para cura de doenças ou para alimentação, sendo atualmente uma busca na melhoria da qualidade de vida e resgate do conhecimento popular. O interesse dos pesquisadores favorece a disseminação de forma mais correta, com o auxílio científico, desse tão valioso bem que faz parte da cultura popular.

Recentemente, os estudos com plantas medicinais têm sido responsáveis por inúmeras e importantes descobertas, entretanto resultados promissores dependem de uma maior inter-relação entre as várias áreas que compõem o estudo das plantas medicinais, pois a

continuidade dos mesmos de forma isolada perpetuará a não integralização dos resultados, impedindo conseqüentemente o desenvolvimento de novos medicamentos [3].

O trabalho teve como objetivo realizar um estudo etnobotânico preliminar das plantas medicinais utilizadas na comunidade de Machadinho, Camaçari-BA.

Material e métodos

A comunidade de Machadinho está situada no município de Camaçari, no Litoral Norte do Estado da Bahia, e pertencente à APA (Área de Proteção Ambiental) do rio Capivara, com área total de aproximadamente 153.000 Km². Geograficamente o município está localizado entre as coordenadas do centro da praça 8.589.430N e 578.400E.

A população de Machadinho é de aproximadamente 870 habitantes e a condição da comunidade é precária. O tipo de solo é arenoso, o clima é tropical úmido a temperatura 28°C, a vegetação é restinga e a principal bacia hidrográfica é a do rio Capivara, que tem 43 km de extensão.

O trabalho de campo foi desenvolvido nos meses de janeiro e fevereiro de 2006, onde foram realizadas coletas de informações através de entrevistas com as famílias mais antigas, com idades variadas, ambos os sexos. Para as entrevistas foram utilizados questionários semi-estruturados com 12 questões que constavam de informações sócio-econômicas envolvendo desde o número de componentes de cada família até de onde foi adquirido o conhecimento de plantas consideradas medicinais, como e para qual enfermidade utilizavam cada planta.

Foram coletados ramos floridos e/ou frutificados de cada espécie utilizada como medicinal pela comunidade, os quais foram prensados [4], identificados e inseridos no acervo do Herbário do RADAMBRASIL (IBGE), no Jardim Botânico de Salvador.

No momento da coleta foram feitas caracterizações das plantas em campo e do ambiente.

Resultados e discussão

Machadinho apresenta uma organização espacial que é comum na maioria das pequenas comunidades, onde as casas dos primeiros moradores, o posto de saúde, os armazéns e a escola municipal encontram-se distribuídas ao redor de uma praça central. As famílias têm uma

1. Graduanda em Ciências Biológicas - UNIME (União Metropolitana de Educação e Cultura), Av. Luís Tarquínio, s/nº, Lauro de Freitas, BA, CEP. 42.700-000. E-mail: claudiaestudos@terra.com.br.

2. Doutora em Botânica pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana) e Pesquisadora do GEFAT (Grupo de Estudos da Flora Aquática e Terrestre) e professora da UNIME.

3. Bióloga - UFBA (Universidade Federal da Bahia), Especialista em Saúde Comunitária, Pesquisadora do SEMARH (Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos).

renda básica de trezentos reais, oriunda do projeto do Governo Federal de bolsa família. Para completar sua renda muitos moradores assam e vendem castanhas. Apesar das moradias estarem instaladas em grandes terrenos, as casas são muito pequenas e simples. As casas próximas à praça são de tijolos com cobertura de telhados e as mais recentes são feitas de taipa chegando a abrigar até dez pessoas.

Das entrevistas realizadas 80% foram mulheres e 20% foram homens. Muitos entrevistados fazem uso de diversos grupos de plantas, as quais estão presentes em sua maioria no quintal das casas. As mulheres tendem a ter maior conhecimento de plantas que crescem próximo a casa, no quintal, no roçado e/ou na horta. Coe & Anderson [5] estudando uma comunidade da Nicarágua também observaram que a maioria da população pesquisada mantém ao redor de suas casas um jardim, onde crescem espécies alimentícias ou que são utilizadas com fins medicinais.

Silva & Andrade [6] e Medeiros *et al.* [7] obtiveram em seus trabalhos uma maioria dos entrevistados do sexo feminino. Entretanto, Ming & Junior [8] trabalhando na Reserva Extrativista “Chico Mendes” no Acre, apresentaram nas entrevistas maior quantidade de homens, os quais demonstraram maior conhecimento sobre as potencialidades medicinais das plantas. Neste caso há uma especificidade na população entrevistada, local e horário da entrevista, pois as mesmas foram realizadas no local de trabalho e a atividade de extração da borracha é realizada por uma grande maioria pelos homens. Além disso, os mesmos demonstram maior conhecimento de plantas da floresta do que as mulheres, uma vez que são eles que se dedicam majoritariamente às atividades, onde o contato com a vegetação é mais intenso.

Nos casos anteriores e no nosso trabalho as entrevistas foram realizadas no ambiente doméstico e em horário comercial, onde as maiores das pessoas que se encontrava em casa eram mulheres, pois trabalhavam como donas de casa.

Em relação à idade do entrevistado, 60% estavam enquadrados na faixa etária de 31 - 60 anos e 30% estavam acima 61 anos, sendo que nessa faixa são encontradas as pessoas que desenvolvem as atividades de curador (a), parteiro (a), benzedor (a), as quais apresentam maior experiência. Na faixa etária de 15 a 30 anos tivemos 10% dos entrevistados, sendo o mais novo com 22 anos, uma pessoa considerada como o mateiro da região. Os conhecimentos das plantas dessa comunidade foram passados de geração para geração, pais para filhos. Estes números inferem que há uma natural substituição, dos mais jovens no lugar dos mais idosos, na medida em que aqueles vão adquirindo mais conhecimento, fruto do contato e aprendizado com os mais experientes, fato confirmado com o menor número de citações de plantas e suas indicações pelos entrevistados mais jovens, e a medida que aumentava a idade, as variedades de plantas referenciadas também aumentavam. Lima *et al.* [9] assinalaram que a maior concentração de conhecimento etnobotânico está nos habitantes na faixa de 51 a 80 anos de idade, sendo esse conhecimento diluído na faixa etária mais baixa.

Todos os entrevistados indicaram que fazem uso de plantas para curar várias doenças (Quadro 1) e as consideram como medicinais.

A população estudada utilizava 23 espécies distribuídas em 14 famílias das quais, Lamiaceae, Leguminosae, Asteraceae, Anacardiaceae e Myrtaceae foram as mais representadas. A maior parte destas famílias também são as que mais registros existem nos estudos com plantas medicinais no Brasil, conforme Brito e Brito [10]. O trabalho de Silva e Andrade [6] apresentou Leguminosae, Lamiaceae e Myrtaceae, como as mais representadas; enquanto Kruehl e Peixoto [11] encontraram Leguminosae, Asteraceae, Anacardiaceae e Myrtaceae.

Várias espécies pertencentes às famílias citadas em Machadinho foram registradas por diversos autores, divergindo porém quanto ao número de citações. Os resultados, comparados com os obtidos em diversos trabalhos realizados no Brasil, com comunidades de diferentes perfis culturais, regionais e de ecossistemas [12] demonstraram que as comunidades estudadas conhecem uma considerável diversidade de vegetais, com diferentes formas de utilização.

As espécies mais citadas foram *Melissa officinalis* L. e *Eugenia uniflora* L. com 14 citações, seguida *Cymbopogon citratus* Stapf com 12 citações. Ming & Junior [8] registraram poucas espécies iguais às do nosso trabalho, dentre elas: *Artemisia absinthium* L., *Chenopodium ambrosioides* L. e *Cymbopogon citratus* Stapf, fato também confirmado em Matos [13] em estudos de plantas medicinais do Nordeste. Pasa *et al.* [14] em seus trabalhos encontraram muitas espécies iguais as da comunidade de Machadinho. Silva e Andrade [6] fizeram um estudo no Litoral de Pernambuco, e muitas espécies relacionadas foram às mesmas encontradas no presente estudo, sendo o referido trabalho com mais similaridades ao nosso, tendo em vista inclusive a proximidade com o litoral.

A forma predominante de uso de cada planta na comunidade é a infusão, isso devido a grande parte de seus remédios serem preparados através de folhas. O maior número de espécies citadas foi para o tratamento da gripe e catarro no peito com a indicação de sete espécies (Quadro 1), o que concorda com as observações de Amorozo & Gely [15]. Essa alta quantidade de espécies direcionadas à cura da gripe pode estar relacionada à situação de enfermidade mais incidente na comunidade, principalmente em crianças. A associação dessas plantas também é usada para gripe, porém, suas folhas são preparadas como xarope, na própria comunidade, o qual é denominado de garrafada. No estudo de Pasa *et al.* [14] um maior percentual de uso da folha também foi registrado, onde as formas de preparo utilizadas pela população local mais expressiva foram o chá, além de xarope, infusão e garrafada.

Estudos realizados por Medeiros, *et al.* [7] indicam um maior número de espécies citada no tratamento da gripe, sendo a bronquite em segundo lugar, seguidas de calmante, pressão alta, vermes, o que corrobora nosso estudo. Isso pode estar relacionado ao fato das crianças estarem sob condições precárias, baixa nutrição e cômodos sem proteção adequada.

Agradecimentos

A comunidade de Machadinho, à UNIME e ao herbário do RADAMBRASIL (IBGE/BA).

Referências

- [1] MARQUES, C. L. 2004. *Fitoterapia*. São Paulo: Editora Agronômica Ceres. 242p.
- [2] SCHEFFER, M.C. 1992. Roteiro para estudo de aspectos agrônômicos das plantas medicinais selecionadas pela fitoterapia do SUS – PR/ CEMEPAR. SOB Informa. 10: 29-31.
- [3] DI STASI, L. C. 1996. *Plantas medicinais: arte e ciência*. São Paulo: UNESP.
- [4] MATOS, F. J. de A. 2000. *Plantas medicinais: Guia de seleção e emprego de plantas usadas em fitoterapia no Nordeste do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC. 346p.
- [5] COE, F.G.; Anderson, G.J. 1999. Ethnobotany of the Sumu (Ulwa) of Southeastern Nicaragua and comparisons with Miskitu plant lore. *Economic Botany*. 53: 364-394.
- [6] SILVA, A. J. R; ANDRADE, L. H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral. *Acta Botanica Brasílica*. 19: 45-60.
- [7] MEDEIROS, M. F. T; FONSECA, V. S; & ANDREATA, R. H. P. 2004. Plantas Medicinais e seus usos pelos sitiantes da Reserva Rio das Pedras. *Acta Botanica Brasílica*. 18: 391-399.
- [8] MING, L. C; A. A. JUNIOR. 2005 [Online] *Aspectos Etnobotânicos de Plantas Medicinais na Reserva Extrativista “Chico Mendes”*. Florística e Botânica Econômica do Acre, Brasil. The New York Botanical Garden. Homepage: <http://www.herbario.com.br/cie/universi/teoria/1027nybg.htm>.
- [9] LIMA, E. O. et al. _____. Anais da XL Reunião anual da SBPC. 583p, 2000.
- [10] BRITO, A.R.M.S.; A.A.S. Brito. 1993. *Journal Ethnopharmacology*. 39: 3-67.
- [11] KRUEL, V. S. F; PEIXOTO, A. L. 2004. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo. *Acta Botanica Brasílica*. Rio de Janeiro. 18: 177-190.
- [12] BEGOSSI, A.; LEITÃO- Filho, H. F. & RICHESON, P. J. 2002. Plant uses in a Brazilian coastal fishing community (Búzios Island). *Journal of Ethnobiology*. 13: 233-256.
- [13] MATOS, F. J. de A. 1999. *Plantas Medicinais Popular do Nordeste*. Fortaleza: Edições UFC. 80p.
- [14] PASA, M. C; NETO, G. G. 2005. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu. *Acta Botanica Brasílica*. 19: 195-207.
- [15] AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, Anne. 1988. Uso de plantas medicinais por cablocos do Baixo Amazonas. *Boletim do Museum Paraense Emílio Goeldi*. 4: 47-131.

Quadro 1. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade de Machadinho, incluída na APA do rio Capivara, município de Camaçari – Bahia.

NOME VULGAR	GÊNERO/ESPÉCIE	FAMÍLIA	INDICAÇÃO	NÚMERO DE CITAÇÕES
água-de-levante	<i>Alpinia nutans</i> Rosc.	Zingiberaceae	Folha	5
alumã	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	Folha	5
andu	<i>Cajanus cajan</i> Druce.	Fabaceae	Folha	2
aroeira	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	Anacardiaceae	Folha	4
artemísia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae	Folha	5
boldo	<i>Plectranthus</i> sp.	Lamiaceae	Folha	7
cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Fruto	1
camomila	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	Flores	3
capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> Stapf	Poaceae	Folha	12
erva-cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	folha	14
fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> Link	Caesalpiniaceae	folha	7
folha-da-costa	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Crassulaceae	folha	4
guiné	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Phytolaccaceae	folha	2
hortelã-grosso	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae	folha	2
jamelão	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Myrtaceae	folha	3
jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Solanaceae	folha	1
mangalô	<i>Erythrina velutina</i> Willd	Fabaceae	folha	1
mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chenopodiaceae	folha	3
pinhão-roxo	<i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	folha	2
pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	folha	14
quioio	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	folha	8
sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Caprifoliaceae	folha	5
vassourinha	<i>Sida spinosa</i> L.	Malvaceae	folha	3